

“Still life” - Augusto Brázio

20 Setembro / 27 Outubro 2012

Galeria das Salgadeiras

«Still life» de Augusto Brázio, na sua primeira exposição na Galeria das Salgadeiras, fala-nos, à boa maneira dos clássicos tratados de Denis Diderot que, assim, substanciou as naturezas-mortas de Jean-Baptiste Siméon Chardin, de “natureza e verdade”. À época, nos séculos XVII/XVIII quando a Natureza-Morta, por muitos considerada “arte menor”, se começava a impôr nos cânones académicos, a sua própria definição foi alvo de uma discussão que, em certa medida, hoje ainda persiste. Desde stilleven (modelo inanimado) a still-life, ou a mais francófona natureza-morta, considerada como uma representação de “objects immobiles”, inúmeros foram os termos e as acepções encontradas para este género artístico. Em qualquer uma destas interpretações teórico-críticas estão, porém, alguns dos aspectos que, no meu entender, são a essência da Natureza-Morta: a objectualização, sendo que ao longo do tempo a noção de objecto foi assumindo outras formalidades; a importância da composição e da luz; o cariz alegórico nestas representações do quotidiano: mesas expostas com comida e vinho, as cenas de caça, as “vanitas”, as flores. Em todos eles, encontramos natureza e verdade, num intenso diálogo entre Vida e Morte, confrontando-nos com a segunda, e ao mesmo tempo, num apenas aparente paradoxo, celebrando a primeira.

Nesta sua mais recente série, Augusto Brázio elegeu um dos temas mais marcantes da Natureza-Morta: a caça que, tal como na Idade Média, reflecte, aqui, uma representação do Sublime como categoria estética. Ainda que formal e contextualmente distintas das pinturas de então, estas fotografias de Brázio remetem-nos, também, para esse “pathos da alma que se projecta para o alto”¹. Exploram a emoção inerente à prática da caça e a sua afirmação de poder do Homem sobre a Natureza, bem subjacentes na arte da Taxidermia. Uma re-interpretação, à luz da contemporaneidade, da “natureza e verdade” de Chardin. O objecto inanimado. As aves empalhadas

¹ in Dicionário de Estética, Direcção de Gianni Carchia e Paolo D’Angelo, Edições 70.

pela mestria do taxidermista que representam, simultaneamente, a necessidade básica da subsistência da espécie humana, e a ostentação do triunfo para a posteridade. Os palanques de uma paisagem temporariamente habitada para o propósito em vista, na mira do caçador. Momentos captados pela objectiva de Augusto Brázio, assim, preservados no tempo. Uma busca de imortalidade subjacente à prática artística, e onde o género da Natureza-Morta assume, em certa medida, a sua plenitude.

ANA MATOS

Lisboa, Setembro de 2012